



rumores e ruídos

AMORES EXPRESSOS

Maio trouxe para as letras brasileiras contemporâneas duas notícias que deveriam ser alardeadas: o prêmio de literatura da Casa da América Latina/Banif, concedido ao poeta dos “solos de aves”, Manoel de Barros, e o prêmio Camões, principal reconhecimento da literatura em língua portuguesa, conferido ao “vampiro de Curitiba”, Dalton Trevisan. Um no valor de €10 mil, o outro no de €100 mil, respectivamente. Ambos celebraram escritores mais do que octogenários. O primeiro é falante, atende até o telefone, o segundo não se deixa sequer fotografar.

Em 2007, a jovem escritora Tatiana Salem Levy recebeu R\$200 mil pelo prêmio São Paulo de Literatura, com seu romance de estreia *A chave de casa*. As cifras aqui evocadas pretendem chamar atenção para aquela que, nos dias de hoje, é a “prima pobre” entre as manifestações artísticas: a literatura.

Já vai longe a falsa dicotomia entre arte e mercado, mas parece ainda restar um estranho pudor quando incentivos públicos, como a Lei Rouanet, por exemplo, são cogitados para projetos que sejam de ficção - essa “arte de fingir” -, como foi o criado por Rodrigo Teixeira da RT Features, em 2007: “Amores Expressos”.

Bastaram os rumores de que haveria uma tentativa de captação de verbas - com renúncia fiscal - para que muitos ruídos interferissem na compreensão e na dimensão desta iniciativa. Foram selecionados, pelo curador João Paulo Cuenca, 16 escritores de gerações diferentes para que, a partir da estada de um mês em 16 cidades do mundo (de São Paulo a Tóquio), produzissem uma história de amor nelas ambientada. Jornalistas, escritores e críticos esbravejaram por razões distintas: fosse a ausência de critérios claros para a escolha dos 16 “felizardos”, fosse o dinheiro público para custear viagens de “turismo literário” ou de “Teco-teco da alegria”: ironia estampada no título da matéria sobre o projeto, publicada na revista *Veja*, em 28/03/2007.

Essa algazarra fez com seu idealizador recuasse e decidiu pelo fomento



rumores e ruídos

da iniciativa privada. Metade dos R\$1,2 milhões foi financiada pela editora Companhia das Letras, que, em contrapartida, ganhou o direito de veto, se não concordasse com a publicação, como ocorreu com o escritor André de Leones, cujo romance foi recusado pela editora.

Os que já foram publicados são: A Cordilheira (Daniel Galera), Estive em Lisboa e pensei em você (Luiz Ruffato), O filho da mãe (Bernardo Carvalho), O único final feliz para uma história de amor é um acidente (João Paulo Cuenca), Do fundo do poço se vê a lua (Joca Reiners Terron), Nunca vai embora (Chico Mattoso), O livro de Praga (Sérgio Sant'Anna). E aí estão à espera do juízo dos leitores sobre o seu valor estético para além das querelas mercadológicas.

Passaram quase despercebidas, no entanto, duas exigências do projeto: cada escritor deveria manter um blog durante o período em que estivesse na cidade de destino e contribuir com impressões pessoais sobre a sua chegada, as relações estabelecidas com o local e imagens feitas por ele próprio para a produção de um documentário, realizado por Tadeu Jungle e Estela Renner. Esses documentários foram exibidos pela TV Cultura em 2011 e se encontram também disponíveis na internet.

A escrita diarista no blog - embaralhando as noções de público e privado e trazendo a exposição de uma intimidade quase sempre camuflada pelos artifícios da ficção - não foi um exercício tranquilo para todos, como é possível notar acessando blogdoluiruffato.blogspot.com.br. Ser personagem de um documentário, ou seja, autorrepresentar-se na vivência estrangeira também foi uma exigência do que a crítica Paula Sibília intitula "fome do real": a necessidade de leitores e espectadores de consumirem o entorno daquilo que se lhes apresenta como ficção. Essa demanda desenfreada é parte do que Micael Herschmann chama de o "boom da biografia e do biográfico na cultura contemporânea".

Em recente palestra no IFF, no Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes, a professora da PUC-RIO, Vera Follain, analisou o fenômeno



rumores e ruídos

da estetização dos “bastidores” da notícia ou mesmo da ficção, remetendo ao glamour contemporâneo do making of. Aquilo que deveria ficar na obscuridade hipertrofia-se sob as luzes dos holofotes midiáticos. Assim, vida e ficção borram ainda mais suas fronteiras.

Mas o que não quer calar e que fica longe das discussões sobre financiamentos e fomentos para os projetos de criação artística é uma questão ainda mais polêmica: Para inventar uma história de amor ambientada em São Paulo, Buenos Aires, Cidade do México, Havana, Lisboa, Cairo, Bombaim, Shangai, São Petersburgo, Berlim, Dublin, Paris, Tóquio, Nova Iorque, Sydney e Praga é preciso deslocar-se fisicamente? Para fingir completamente, como Pessoa, a dor (ou o amor) que deveras se sente é preciso algo além de “engenho e arte”, como propôs Camões? Para que se faça crível o escritor precisa de algo a mais do que uma imaginação potente e daquilo que a condição de leitor sedimentou em sua memória? Para fabular é preciso experimentar? Para inventar um grande amor é preciso vivê-lo?